

Semiótica E Sociedade do Espetáculo: Do Sentido Ao Fascínio Na Era Da Aparência¹

Diego Cavalcante²

Fanor Dervy

RESUMO

O propósito desse artigo é discutir influências dos sentimentos no processo de comunicação no contexto de uma Sociedade do Espetáculo. O sentimento será compreendido do ponto de vista semiótico, ou seja, como signos que mediam a forma como a mente se abre ou se fecha para o mundo. Na dita Sociedade do Espetáculo, privilegiar-se-ia um sentir emergencial que favorece uma abertura estética e o crepúsculo ético e lógico. Tal dinâmica convergiria para o ocaso da comunicação em favor do fascínio.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Sentimentos; Sociedade do Espetáculo; Comunicação.

¹ Trabalho apresentado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste-Fortaleza Ceará no DT8: Estudos interdisciplinares.

² Comunicólogo, mestre em sociologia e doutor em ciências da comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do departamento de Comunicação da Fanor Dervy.

1. A semiótica e lógica do sentir

A semiótica está inserida em uma ampla arquitetura conceitual desenvolvida por Charles Sanders Peirce. Este quadro pode ser assim apresentado: 1. Matemática; 2. Filosofia; 2.1 Fenomenologia; 2.2 Ciências normativas. São três as ciências normativas: 2.2.1 Estética; 2.2.2 Ética e 2.2.3 Semiótica. Da mesma forma, são três os ramos da semiótica: 2.2.3.1 Gramática especulativa; 2.2.3.2 Lógica crítica, 2.2.3.3 Retórica especulativa. Peirce propõe ainda a Metafísica 2.3 e as ciências especiais 2.4 (CP 1.991-1.999).

Neste artigo, no entanto, não nos interessa detalhar os ramos da semiótica ou suas relações com as outras ciências ou quase-ciências propostas por Peirce, pesquisadores da obra de Peirce como Romanini (2006), Santaella (1995) ou Ibrí (1992), por exemplo, já o fizeram com competência.

Interessa-nos destacar a noção de semiose e sua lógica de funcionamento. Isso porque na segunda parte do artigo compreenderemos os sentimentos como processos de semiose bem como sua influência nos processos de comunicação. No Segundo momento do artigo, especularemos sobre como essa lógica do sentir se funcionaria no contexto de uma Sociedade do Espetáculo, nos termos de Guy Debord.

Antes de discutir a lógica de ação do signo, ou seja, a semiose é importante apresentar a fenomenologia e as outras ciências normativas que fundamentam a semiótica.

Para entender a trama da semiose é necessário partir da fenomenologia. Isso porque as três categorias propostas por Peirce retornam em toda arquitetura filosófica, sobretudo, em sua semiótica. As três categorias são: primeiridade (Firstness), secundidade (Secondness) e terceiridade (Thirdness). Estas podem ser compreendidas como finos esqueletos, tons, ou estruturas lógicas das aparências que, por meio das suas relações, tornam possível estudar qualquer phaneron. São três as categorias:

Primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a qualquer outro. Secundidade é o modo de ser daquilo que é tal como é relatado a um segundo, mas independente de qualquer terceiro. Terceiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, pondo um segundo e um

terceiro em relação um com o outro [...] Designo essas três ideias como categorias cenopitográficas (PEIRCE, 1998, p.168).

A terceiridade como categoria da mediação, regularidade, mente, inteligência caracteriza a ação do signo, fazendo, portanto, a conexão da fenomenologia com a semiótica. É importante destacar que a secundidade envolve a primeiridade assim como a terceiridade envolve as duas categorias precedentes. Nesse sentido, seria interessante falar em predominância de uma dada categoria na expressão dos fenômenos do que vislumbrar sua manifestação pura. Essa lógica também permeia a semiótica.

A fenomenologia, portanto, serve de fundamento para as ciências normativas que são: estética (primeiridade), ética (secundidade) e lógica ou semiótica (terceiridade). Nesse sentido, a estética, como primeiro ramo das ciências normativas, depende da fenomenologia. Se a fenomenologia se preocupa com o estudo do fenômeno em si, a estética se interessa por aquilo que é belo em si no fenômeno, sem qualquer autocontrole ou hierarquização. O bem estético se volta para o sentir: seu fim é a qualidade em si mesma. Nesse sentido, "[...] há inúmeras variedades de qualidades estéticas, mas nenhum grau puro de excelência estética" (PEIRCE, 2008, p.203). A ética, por sua vez,

[...] é o estudo sobre quais as finalidades de ação que estamos deliberadamente preparados para adotar [...] O homem correto é o que controla suas paixões, e as faz conformarem-se com os fins que ele deliberadamente está preparado para adotar como fins últimos (PEIRCE, 1998, p. 202).

Segundo De Wall (2013) a estética e a ética podem ser entendidas como uma espécie de ponte entre a fenomenologia e a lógica. A primeira fornece o bem estético que é conduzido pelo bem ético, inserido numa finalidade deliberada. A lógica, por sua vez, parte dos elementos estéticos e éticos e lhes acrescenta seu bem: a argumentação.

[...] o bem lógico é simplesmente a excelência do argumento [...] sendo seu peso e solidez o fato de ter ele realmente a força que pretende ter e o fato de ser grande essa força, enquanto que seu bem quantitativo consiste no grau que ele faz avançar nosso conhecimento (PEIRCE, 2008, p. 207-208).

Peirce (2008) apresenta pequenas variações sobre sua definição de lógica ou semiótica. Em geral, o autor destaca este ramo como a ciência que estuda o caráter representativo dos signos em relação aos seus objetos. Esta representação é pensada

como uma mediação inteligente que tem como objetivo tornar eficientes as relações entre o objeto e sua representação. Interessa à lógica, portanto, estudar como deveria funcionar o signo para que tivesse um determinado efeito significativo. "A lógica é a ciência das leis (quase) necessárias gerais dos signos e, especialmente, dos símbolos" (PEIRCE, 2008, p. 29). "A lógica classifica os argumentos, e ao fazê-lo reconhece diferentes espécies de verdades" (PEIRCE, 1998, p. 200).

[...] a lógica é [...] apenas um outro nome para semiótica [...] a quase necessária, ou formal, doutrina dos signos [...] observamos os caracteres de tais signos e, a partir da observação [...] Abstração, somos levados a afirmações eminentemente falíveis e por isso, num certo sentido, de modo alguma necessárias, a respeito do que devam ser os caracteres de todos os signos utilizados por uma inteligência científica, isto é, por uma inteligência capaz de aprender com a experiência [...] sua intenção de descobrir o que deve ser e não simplesmente o que é no mundo real (PEIRCE, 2008, p.45-46).

Em uma sentença: a semiótica poderia ser compreendida como o estudo da ação do signo ou semiose. Peirce, em diferentes textos, descreve diferentes gradações de detalhamento sobre a ação do signo. O conceito mais simples e difundido poderia ser assim sintetizado: signo é uma coisa (fundamento do signo) que está no lugar de outra (seu objeto) para uma terceira (seu interpretante). Há definições em que o autor privilegia as relações entre os correlatos, a lógica de funcionamento do signo ou os efeitos de sua ação. Eis algumas passagens que se referem a estas especificações: "[...] a função essencial de um signo consiste em tornar eficientes as relações ineficientes" (PEIRCE, 1998, p.174); "[...] o signo é algo [...] que nos permite saber mais [...] Todo pensamento é feito por meio de signos" (CP 8. 332)

Ora, o signo tem, enquanto tal, três referências: primeiro, é um signo para um pensamento que o interpreta: segundo, é um signo de algum objeto ao qual, nesse pensamento, ele é equivalente: terceiro, é um signo, nalgum aspecto ou qualidade, é um signo, que o põe em conexão com o seu objeto (PEIRCE, 2008, p. 39).

A ação do signo ou semiose se desenvolve na relação entre seus três correlatos sígnicos: signo, objeto e interpretante. Semiose é sinônimo de comportamento inteligente, evolução, crescimento, processos adaptativos. É nesse sentido que a função do signo deve tornar eficientes as relações ineficientes, possibilitar o acréscimo de conhecimento.

Nesta relação, predomina o caráter triádico-mediativo do signo em detrimento do diádico-reativo. Peirce (1998) cita um exemplo simples para esclarecer tal distinção, a saber: um evento A produz um evento B e, em seguida, o evento B produz um C. Se A age diretamente em B e este diretamente em C, configura-se apenas uma relação direta entre dois elementos (diádica). Por outro lado, se o evento A produz B para gerar um efeito C, caracteriza-se uma relação triádica (mediada). Nesta dinâmica, C (interpretante) é predicado da relação de mediação de B (signo) em relação a A (objeto). Estabelece-se neste último caso o processo de ação do signo ou semiose:

Por semiosis designo [...] uma ação ou influência, que é, ou envolve, uma cooperação entre três sujeitos, um signo, o seu objeto e os seus interpretantes; e sua influência tri-relativa nunca é irredutível a ação de seus pares (PEIRCE, 1998, p. 155).

É este aspecto geral, mediado, inteligente, adaptativo e com propósito que gostaríamos de destacar da semiótica de Peirce. No entanto, o caráter geral ou mental da semiose precisa da categoria da secundidade para ser atualizado. Isso porque o geral não está relacionado a eventos singulares.

A generalidade influencia eventos futuros, ou seja, garante sua mediação inteligente em situações similares às gerais. Nesse sentido, precisaria dos aspectos da secundidade que conferem contexto e ação ao processo de semiose. Por outro lado, são os aspectos de primeiridade que propiciam as qualidades para que o contexto e a ação inteligente possam ser expressos por meio de corporeidades envolvidas.

Na relação do fundamento do signo com seu objeto dinâmico, por exemplo, para que um Símbolo (elemento de terceiridade) seja eficiente em sua ação ele precisa de Índices (secundidade) e Ícones (primeiridade).

O símbolo é um geral que funciona graças a uma convenção, lei ou hábito. Hábitos são leis mentais que influenciam ações futuras com propósito por meio de associações de ideias em dados contextos gerais. Dado o caráter habitual do Símbolo, sua interpretação depende da capacidade do interpretante conhecer o hábito representado no signo: "Um signo genuíno é um [...] símbolo, que é um signo cuja virtude significativa se deve a um caráter que só pode ser compreendido com a ajuda de seu interpretante" (PEIRCE, 2008, p. 28-29).

Defino um símbolo como um signo que é determinado pelo seu objeto dinâmico apenas no sentido em que ele será interpretado enquanto tal. Ele depende assim de convenção, ou de um hábito, ou de uma disposição natural, ou então do seu

campo interpretante (aquilo de que o interpretante é uma determinação) (PEIRCE, 1998, p. 175).

Outro aspecto derivado do caráter geral do Símbolo é que, em essência, não se refere a sujeitos ou objetos ou possui qualidades significantes. "Os símbolos encontram-se bastante afastados da própria realidade. Eles são abstraídos. Eles nem exibem os próprios caracteres significados, como fazem os ícones, nem nos asseguram da realidade dos nossos objetos, como fazem os índices" (PEIRCE, 1998, p. 188). Para governar eventos reais, portanto, o Símbolo precisa de Índices e Ícones: "[...] um Símbolo suficientemente completo envolve sempre um Índice, tal como um Índice suficientemente completo envolve um Ícone" (PEIRCE, 1998, p. 202).

Os Índices são necessários para indicar ao Símbolo a ocasião real em que este deveria agir. Índices são signos que representam seu objeto dinâmico pelo fato de serem realmente afetados por ele, portanto, "[...] nos asseguram da realidade dos nossos objetos" (PEIRCE, 1998, p. 188). Índices funcionam chamando a atenção, interconectando sujeitos e objetos envolvidos, "[...] pois o Índice é o meio ambiente em comum aos interlocutores" (PEIRCE, 2008, p.84).

Uma batida na porta é um índice. Tudo o que atrai a atenção é um índice. Tudo que nos surpreende é um índice, na medida em que nos assinala a junção entre duas coisas da experiência [...] um violento trovão indica que algo considerável ocorreu, embora não saibamos exatamente qual foi o evento (PEIRCE, 2008, p. 67).

O Índice incorpora a lógica da secundidade na relação do fundamento do signo com o objeto dinâmico. Assim, a atenção forjada pelo índice deriva das relações entre os corpos, dos seus atritos, da resistência de algo que afeta o signo. No entanto, o Índice, em essência, não possui qualidades. Trata-se de uma espécie de imperativo que diz: olhe isto!

Nesse sentido, ele precisa de Ícones de um tipo especial, são Ícones de contraste. Para Peirce, estes são necessários para apresentar diferenças qualitativas que permitam distinguir aspectos do objeto (CP 2.276). "A única maneira de comunicar diretamente uma ideia é através de um ícone, e todo método de comunicação indireta de uma ideia deve depender, para ser estabelecido, do uso de um ícone" (PEIRCE, 2008, p. 64).

Interessa-nos destacar dois aspectos da semiose: a) seu aspecto inteligente, mediado, evolutivo e mental; b) relações entre aspectos gerais, contextuais e qualitativos na ação do signo. Partindo destes pressupostos semióticos,

compreenderemos os sentimentos como processos de semiose e especularemos seu papel na comunicação.

2. A semiose dos sentimentos : as lógicas do sentir e suas influencias nos processos de comunicação

Antes das recentes descobertas das neurociências sobre a importância dos sentimentos e das emoções nos processos cognitivos, Peirce (1998) já houvera especulado sobre sua relevância. Para o lógico e filósofo americano, os sentimentos também podem ser gerais, ou seja, influenciariam sentimentos futuros por meio de modos de associações de ideias com propósitos em dados contextos (hábitos).

Peirce (1998) distingue os sentimentos como meras qualidades materiais daqueles que são capazes de representação, ou seja, realizam também processos de semiose guiados por uma espécie de Símbolo.

[...] a sensação, enquanto representa alguma coisa, é determinada, de acordo com uma lei lógica, por cognições prévias; ou seja, essas cognições determinam que haverá uma sensação. Mas na medida em que a sensação é um mero sentimento de um tipo particular, ela é determinada apenas por um poder inexplicável e oculto; enquanto é apenas esse sentimento ela não é uma representação, mas apenas a qualidade material de uma representação (PEIRCE, 1998, p. 45).

Destacaremos passagens dos textos de Peirce que sugerem modos de sentir como representações. Nesse sentido, as lógicas de sentimento que discutiremos não são necessariamente as propostas por Peirce. Trata-se antes de capturar algumas sugestões e , por assim dizer, completar os argumentos, descrevendo modos de razoabilidades do sentir. Priorizamos também destacar os sentimentos que poderiam interferir diretamente nos processos de comunicação.

O primeiro aspecto é que o sentir estaria envolvido com o hábito com o qual a quase-mente, ou seja, o interpretante dinâmico (o efeito do signo em uma mente em consonância com sua experiência colateral) se abre ou fecha para os aspectos sógnicos com mundo. Inspirado na arquitetura filosófica de Peirce estes aspectos seriam: a estética (a aparência), ética (valores e propósito) e a lógica (os argumentos).

Partindo dos textos de Peirce seriam quatro lógicas do sentir que influenciariam o modo de abertura para o mundo: reconhecimento, emergência, avaliação, crença-dúvida.

O sentimento de reconhecimento seria o mais fundamental das semioses do sentir. Seria um Símbolo-sentimento responsável por reconhecer os objetos, sujeitos e contextos do ambiente. Para isto deve haver um processo de generalização das qualidades de sentimentos.

O processo pode ser simplificado da seguinte forma: quando uma dada ocasião ou objeto afeta seguidamente a cognição, a operação mental de generalização associa as qualidades regulares que lhe parecem semelhantes (são semelhantes para a cognição, não em si) e as "funde" compondo uma generalidade. "Quando estes [sentimentos] se tornam fundidos na associação se tornam uma ideia geral'(CP 6.136).

Quando a generalidade de sentimento de reconhecimento identifica aspectos similares em um dado objeto ou ocasião atual, predica o reconhecimento do objeto. "[...] É uma espécie de sentido de similaridade entre o presente e o passado [...] um sentimento peculiar de similaridade, e isso porque as duas sensações são diferentes" (PEIRCE, 1998, p. 201).

O sentimento geral de similaridade [...] Todas as ocorrências específicas do sentimento de similaridade são, elas próprias, reconhecidas como similares, e isto por o mesmo Símbolo de similaridade, se lhes aplicar [...] é por ser um Símbolo que o sentimento de similaridade se distingue de outros sentimentos. Contudo, a significação da psicosis enquanto signo consiste em que o percepto ao qual ela ultimamente se refere tem também a mesma qualidade, a qual é determinada pelo Símbolo-pensamento de similaridade (PEIRCE 1998, p. 204).

Os sentimentos de reconhecimento são fundamentais para os processos de comunicação na medida em que só podemos interagir com algo se houver alguma gradação de reconhecimento. Por outros termos, se não houver qualquer nível de similaridade não é possível associar tal objeto a qualquer conceito generalizado na mente, logo, não haveria conhecimento em comum e, conseqüentemente, comunicação.

Os sentimentos de reconhecimento, portanto, poderiam ser compreendidos como as portas de entrada da comunicação e predicariam aqueles que entrariam no campo de possibilidades de interação. Influenciariam, portanto, com quem nos comunicamos.

O segundo Símbolo-sentimento seria o de emergência. Seu propósito seria inferir o grau de emergência de um dado contexto, ou seja, direcionar atenção e emoção

aos aspectos perigosos ou imprevisíveis do ambiente bem como o tempo de resposta.

Primeiro o aspecto da atenção, a saber.

O argumento seria o seguinte: se o sentimento de reconhecimento infere intensas gradações de reconhecimento, então, o sentimento de emergência seria baixo e, por sua vez, predicaria baixas gradações de emoções e atenção a objetos específicos. Se, por outro lado, o sentimento de reconhecimento sugere baixas gradações de similaridade, então, o sentimento de emergência deveria predicar intensa emoção e atenção associada aos aspectos invulgares.

As emoções de medo, por exemplo, poderiam ser compreendidas como predicções do sentimento-Símbolo de emergência diante de interações com alta gradação de imprevisibilidade. É possível inferir esse argumento da seguinte passagem:

As emoções, como observações simples podem mostrar, surgem quando nossa atenção é fortemente arrastada para situações complexas e imprevisíveis. O medo surge quando não podemos prever o que nos acontecerá [...] O indescritível, o inefável, o incompreensível, normalmente excitam a emoção (PEIRCE, 1998, p. 45).

Aspectos imprevisíveis ou aprendidos como perigosos do ambiente seriam automaticamente intensificados enquanto os previsíveis e seguros teriam menos relevo. A associação da emoção com os perceptos, portanto, poderia sugerir a intensidade de atenção a eles dedicada, compondo uma espécie de hierarquia de vigilância. Se pudesse falar talvez sentimento de emergência sugerisse: "Atenção com esses elementos do ambiente! Não sabemos muita coisa sobre eles!" ou "Fique de olho na situação X, aprendemos que ela é perigosa".

O Segundo aspecto do sentimento de emergência é formar um hábito eficiente de tempo de resposta entre a percepção do fato e a ação. Em dados contextos é adaptativo um tempo de resposta rápido, como por exemplo, em uma situação de perigo. Surge um cachorro raivoso no meio da rua. Há uma intensidade de atenção para o cão e ao mesmo tempo o sentimento sugere que se reaja rápido. Portanto, quanto maior a intensidade do sentir, a imprevisibilidade, novidade, mais rápido se deve reagir. Os aspectos imprevisíveis nos fazem reagir rápido porque não conhecemos seus argumentos, logo, convém atacar ou fugir.

O terceiro Símbolo-sentimento são os de crença-dúvida. Se as emoções como o medo, por exemplo, são importantes por sugerirem que dados aspectos são imprevisíveis e merecem atenção, a crença, por outro lado, sugere que a situação atual pode ser conduzida com eficiência. O sentimento da crença, portanto, predica confiança quando avalia que a situação pode ser resolvida pelos conceitos generalizados na mente.

As nossas crenças guiam nossos desejos e moldam nossas ações [...] o sentimento de crença é uma indicação mais ou menos segura de que se está estabelecendo na nossa natureza um hábito que determinará as nossas ações [...] colocamos numa condição tal que nós agiremos de uma certa forma logo que a ocasião surja (PEIRCE, 1998, p. 64).

A dúvida, por outro lado, é predicada quando a razoabilidade desse sentir infere insegurança em relação ao objeto ou situação. A razoabilidade dos sentimentos de crença-dúvida, funcionaria em interação com os sentimentos de reconhecimento. A associação das inferências não controladas seria a seguinte: a ocasião atual é inferida como semelhante a generalizada. Se em situações similares o processo cognitivo foi eficiente em relação a dado objeto, então, na ocasião atual também poderia ser (predicação do sentimento de crença), predica-se a confiança para a realização da ação. Caso o sentimento de reconhecimento predique baixa similaridade entre a ocasião atual e a generalizada, então, o Símbolo de crença-dúvida deveria pregar sentimentos de dúvida e receio para realizar a ação.

Nesse sentido, o Símbolo-sentimento de crença-dúvida influenciaria na efetivação ou receio em interagir com algo, alguém ou contexto e na manutenção ou dispersão da comunicação. Na medida em que o sentimento de crença é compartilhado pelos indivíduos envolvidos na interação deveria haver confiança na manutenção do processo comunicacional. Em caso de dúvida, seria predicado o receio para que a consciência e o raciocínio controlado busquem saciar as dúvidas e restabeleça a crença e o fluxo comunicacional. Essa razoabilidade do sentir, portanto, influenciaria no gatilho da comunicação e em sua manutenção ou dispersão.

O quarto Símbolo-sentimento que destacaremos é o de avaliação. O propósito dessa razoabilidade é inferir prazer das relações vantajosas e dor das relações desvantajosas para uma dada cognição.

Essa razoabilidade, portanto, influencia na generalização de comportamentos eficientes, na interação com pessoas, objetos e contextos que geram prazerbem como no afastamento daqueles que provocam desprazer. Peirce houvera proposto que o prazer e a dor não eram meras qualidade de sentimento, mas antes também poderiam ser compreendidos como julgamentos perceptivos:

[...] o prazer e a dor só podem ser reconhecidos como tais num juízo; são predicados gerais atribuídos mais a sentimentos do que a sentimentos verdadeiros. Mas um sentir meramente passivo, que não atua nem julga, que tem todas as espécies de qualidades mas não atua nem julga, ele mesmo, não reconhece essas qualidades porque não procede nem uma análise nem uma comparação (PEIRCE, 2008, p. 14).

Do ponto de vista comunicacional, os sentimentos de avaliação deveriam sugerir a generalização de dados modos de comunicar efetivos bem como a aproximação de objetos, contextos e indivíduos que estão relacionados a sentimentos prazerosos. Por outro lado, deveriam sugerir o afastamento nas relações desprazerosas e marginalização de comunicações ineficientes.

Em suma, seriam quatro razoabilidades do sentir com propósitos específicos em associação que influenciariam o modo de abertura da quse-mente para os signos e sua comunicação. O sentimento de reconhecimento sugere semelhança entre o objeto generalizado na mente e o atual, seu propósito é o reconhecimento dos aspectos envolvidos na interação. O propósito do sentimento de emergência é sugerir o grau de imprevisibilidade do objeto que afeta a cognição e destacar os aspectos perigosos por meio de emoções intensas e o tempo de resposta eficiente. O propósito do sentimento de crença é sugerir a efetivação da ação em dado contexto. Os sentimentos de avaliação inferem prazer das relações efetivas e dor das desvantajosas influenciando na generalização das razoabilidades bem sucedidas. Seu propósito seria selecionar modos de comunicar eficientes para que estes influenciem em ocasiões similares.

3. A sociedade do espetáculo e a produção do fascínio

Antes de descacar a lógica da sociedade do espetáculo e suas relações com os signos do sentir, é importante articular a relação entre os hábitos do sentir e a lógica social. Tal articulação faz sentido se destacarmos um aspecto do sinequismo porposto por Peirce (1998): a continuidade. Peirce (2008) problematiza o pensamento dicotômico

que cria um fosso ente mente-matéria, individuo sociedade, interior-exterior. Trata-se de compreender esses aspectos como contínuos e interativos e não separados. É nesse sentido que a mente não está apenas dentro da cabeça, é também continuidade dos afetos “externos”:

[...] pensamento está muito mais fora de nós do que dentro. Somos nós que estamos nele, em vez de qualquer um de nós[...] Isso leva então ao sinequismo, que é a função do arco. De fato, é só atendendo para o sentido de lei como força viva que se pode compreender porque o pragmatismo envolve o sinequismo, doutrina da continuidade ou lei que perpassa inteiramente o cosmo (SANTAELLA,2004, p. 235).

Interessa destacar a continuidade entre a lógica social, de forma específica, a da sociedade do espetáculo, porposta por Debord (1997), e os hábitos do sentir influenciando, portanto, o modo de sentir e, logo, a comunicação. Em uma sentença, especular como a lógica do espetáculo afeta o modo de sentir.

Na esteira do pensamento marxiano, Debord (1997) caracteriza uma sociedade do espetáculo pela substituição de uma construção do sentido do mundo ordinário para uma baseada na aparência, escreve o autor: “[...]tudo que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997 p. 13).

Trata-se também de uma sociedade na qual sua política da superprodução culmina na “implosão” do sentido em favor da novidade. É através do consumo dessas “novidades” apresentadas no palco dos meios de comunicação de massa, que o indivíduo passa a fazer parte dos valores estabelecidos nessa dada sociedade. O intenso revezamento dos signos demarca seu caráter obsoleto e ao mesmo tempo garante a sobrevivência do sistema, que se “alimenta” do fascínio e brevidade das “novidades”.

O fetiche que pode ser simplificado como o esvaziamento da história e das relações entre as coisas em favor de sua aparência, ou seja, o crepúsculo do valor de uso. Tal lógica, na era do espetáculo, não se reduz as mercadorias, adentran, segundo Debord (1997), nas relações sociais. Disso resulta o privilégio do presente, ou seja, os propósitos são eclipsados em favor da intensa circulação das imagens. Há um processo generalizado de alianção, de si, das relações e do pensamento.

Nesse sentido, a contemplação dos modelos descartáveis que compõe as aparências implodem o processo de comunicação, interação sucumbe em favor da mera contemplação. É um processo que conecta produção de desejo pela aparência, consumo e a economia política do capitalismo.

Não é propósito deste artigo, discutir com profundidade a Sociedade do Espetáculo proposta por Debord (1997), mas antes destacar alguns aspectos que interessam para compreender a lógica dos signos nesse contexto bem como suas influências nos hábitos do sentir.

O primeiro aspecto é o privilégio do fascínio sobre o sentido. Como foi discutido, o processo de significação, segundo a semiótica de Peirce, deriva da relação entre fundamento do signo, sua relação com o objeto e seu efeito interpretante. Nesse sentido, a profundidade do sentido deriva das complexidades de aspectos que estão representados no fundamento do signo para um dado interpretante dinâmico em consonância com experiência colateral.

Por exemplo, um pingente dado por alguém importante é signo, ou seja, pode representar todas as histórias que se viveu com aquela pessoa. Portanto, esse signo tem muito sentido pois está no lugar de um complexo objeto dinâmico. Escrito de outra maneira, a aparência do pingente está conectada a valores (aspectos estéticos) bem como uma série de conhecimentos (aspectos lógicos).

Por outro lado, o fascínio teria uma outra dinâmica semiótica. Como discutido acima, na lógica da sociedade do espetáculo, se privilegia o presente, a velocidade, o revezamento das imagens, a contemplação da novidade. Ora, se o sentido deriva do aprofundamento semiótico das relações, uma dinâmica que privilegia o revezamento, a troca, a substituição, conspira para o esvaziamento do sentido.

Do ponto de vista semiótico, seria o privilégio do fundamento do signo, das suas qualidades de apresentação em detrimento do que o fundamento representa (seu objeto dinâmico) bem como do interpretante dinâmico e sua experiência colateral. Seria, portanto, o privilégio da estética (das aparências) em detrimento da ética (dos valores) e da lógica (dos argumentos).

Um exemplo do dia-a-dia seria o uso modista do turbante. O adereço passou a ser usado como adereço estético. O turbante, em contextos como o do Oriente Médio, norte da África, por exemplo, representa a origem da pessoa, sua casta, tribo, etc. Dentro da lógica do espetáculo, pouco importa o que está no lugar do fundamento do signo (seu objeto dinâmico), mas antes sua aparência consumida. A contemplação das formas em detrimento dos aspectos éticos e lógicos.

Tratar-se-ia, portanto, de uma dinâmica semiótica que privilegia a velocidade de apresentação dos signos, seu intenso revezamento, seus aspectos estéticos e o

atrofiamento ético e lógico. Nesse sentido, como essa trama sígnica influenciaria o modo de sentir?

O primeiro aspecto é que o intenso revezamento das aparências, a velocidade de revezamento dos signos gera o sentimento de emergência. Isso porque a troca incessante dos signos trazem consigo aspectos de surpresa relacionados a aparência. Como foi discutido, quantidade de afetos aumenta o sentimento de emergência, e, logo, diminui o tempo entre a percepço e a aço, ou seja, influencia reaçoes rápidas. Como o tempo de reaço é dininuto, destaca-se apenas aqueles que trazem a carga de novidade, no contexto da sociedade do espetáculo, as aparências e seu caráter estético.

Neste sentido, o hábito do sentimento de emergência produz mentes ao mesmo tempo contemplativas e apressadas. Observa-se a aparência dos signos, mas antes de compreender suas possíveis conexões com o objeto dinâmico, já surgem novos signos, produzindo um hábito de intensa emergência do sentir.

Não há, portanto, tempo para uma observaço prolongada do signo e suas possíveis conexões com seu objeto dinâmico. Se não se observa as conexões, não há do que duvidar, logo, produz-se um sentimento de crença ingênua: baseado meramente na aparência. Uma hipertrofia das aperências em detrimento da obsercaço ética e lógica. A valoraço social da novidade, por sua vez, faz com que os sentimentos de avaliaço prediquem prazer da relaço com a aparência do novo, portanto, influenciando a formaço e manutenço dos hábito de alta emergência e de crenças ingenuas.

Consideraçoes finais

As relaçoes entre a lógica social, os signos e os processos mentais são deveras complexos e ainda se tateia a compreensão dessa relaço. Neste artigo, se faz um primeiro esforço especulativo para compreender as relaçoes entre a lógica social, seus sistemas de signos e a sua influência no modo de sentir o mundo e, logo, na comunicaço.

A lógica do sentir na era da sociedade do espetáculo é um sentir que abre a mente para os aspectos estéticos ao mesmo tempo em que atrofia a conexão da aparência com os valores e com a lógica. É, portanto, um esquema de hábitos que privilegia o presente, a apresentaço dos signos, eclipsando sua relaço com a memória e das projeçoes para o futuro.

REFERÊNCIAS

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

IBRI, Ivo Assad. **Kósmos Noetós** - A Arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo: Perspectiva/Hólon, 1992.

PEIRCE, Charles Sanders. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**. Electronic edition. Vols. I-VI. C. Hartshorne & P. Weiss (eds.). Charlottesville: Intelix Corporation. MA: Harvard University, 1931-1935.

_____. **Antologia Filosófica**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da moeda, 1998.

_____. **Semiótica**. São Paulo, perspectiva, 2008.

ROMANINI, Anderson Vinícius. **Semiótica minuta**- especulações sobre a Gramática dos a gramática dos signos e da comunicação a partir da obra de Charles S. Peirce (Tese de Doutorado).Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Ática S.A, 1995.

_____. **O método anti-cartesiano de C.S Peirce**. São Paulo, Unesp, 2004.